

LITERATURA “MENOR”: Linguagem e Identidade Cultural num Conto Afro-Americano

Regina M. Przybycien*

O conto “Just don’t never give up on love” de Sonia Sanchez¹ foi escolhido para o curso “O conto dos anos oitenta”² por representar uma importante corrente da produção literária norte-americana contemporânea: a literatura das minorias étnicas. A escolha de um conto afro-americano se deve sobretudo ao fato de que, já há várias décadas, os escritores negros norte-americanos vêm produzindo uma literatura distinta, representativa de sua própria cultura, de valor internacionalmente reconhecido. Além disso, ao contrário da produção literária da maioria das outras etnias, a distinção não é meramente temática. Os escritores afro-americanos criaram uma linguagem literária inspirada na fala dos guetos e das pequenas comunidades rurais do Sul dos Estados Unidos onde a etnia negra predomina. Ao mesmo tempo, absorveram o ritmo do jazz e do blues, criando uma musicalidade própria, que se manifesta nas variações poéticas das frases.

* Universidade Federal do Paraná.

1 SANCHEZ, Sonia. Just don’t never give up on love. *Parnassus: poetry in review*. Spring/Summer/Fall/Winter, 1985, p.353-56.

2 Curso de Extensão: O conto dos anos oitenta. UFPR, 26 a 30 de setembro de 1994.

A literatura afro-americana pode ser classificada, utilizando-se a terminologia de Deleuze e Guattari, como "literatura menor". Esta, entretanto, não deve ser entendida como menos importante ou de menor valor estético, mas como uma manifestação literária que subverte a língua oficial.³

Deleuze e Guattari analisam especificamente a situação de Kafka: judeu, nascido na República Tcheca, falante nativo de três línguas (o alemão, o ídiche e o tcheco), Kafka escolheu escrever em alemão, não o alemão literário-tradicional, mas aquele utilizado pela pequena comunidade intelectual de Praga, cultura marginal situada ao mesmo tempo dentro e fora da tradição germânica.

Também os negros norte-americanos produzem "literatura menor" no sentido aqui descrito. Preocupados em criar a sua própria identidade cultural, consideram a língua padrão, instrumento de dominação imposto pelo senhor ao escravo, inadequada como meio de expressão. Já na década de trinta o escritor Richard Wright utilizava o dialeto dos guetos na sua ficção naturalista. O poeta Langston Hughes, por sua vez, incorporava o ritmo do jazz e dos blues, inaugurando uma poesia de expressão negra diferente da tradição anglo-americana tradicional. Essa tendência só aumentou a partir da década de sessenta. A luta pelos direitos civis, com suas conquistas e recuos, fez crescer a convicção de que a língua, a cultura e, por conseguinte, a literatura oficiais não representam os negros.

A literatura afro-americana recria, portanto, o *Black English* (dialeto rejeitado pela cultura oficial como signo da ignorância e subdesenvolvimento do negro) e faz dele a sua língua literária. Realiza, portanto, uma luta de guerrilha à língua oficial, introduzindo nela, nas palavras de Deleuze e Guattari, "seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto."⁴

É necessário ter em mente, entretanto, que é impossível um rompimento radical com a tradição da "grande" literatura. Os escritores afro-americanos se situam num entre-lugar ambíguo e sempre precário entre a opção deliberada pela representação do dialeto e da cultura do negro e a sua formação intelectual dentro da tradição ocidental. O resultado, como não poderia deixar de ser, revela-se paradoxal. Frequentemente pode-se reconhecer naquilo que se pretende marcar com o signo da diferença um intertexto familiar, a marca da semelhança, como por exemplo, personagens que falam como negros mas em torno dos quais se delineiam grandes temas da literatura ocidental: o parricídio edipiano, a dúvida hamletiana, os sonhos quixotescos, e tantos outros.

3 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p.25.

4 *Ibid.*, p.28.

Julgo necessário iniciar a discussão do conto escolhido pelo que apresenta de mais característico: a linguagem. A autora, Sonia Sanchez, é poeta. Mais do que contos, escreve longos poemas em prosa, ou o que Herbert Leibowitz chamou de vinhetas poéticas, das quais "Just don't never give up on love" é das mais representativas.⁵

Nessa história extremamente curta e quase sem ação, baseada num fato verídico (a conversa, num banco de parque, entre a autora e uma senhora de noventa e quatro anos), a fala da personagem é um dos elementos mais importantes. Ela marca o contraste entre a personagem e a narradora e delimita o fosso social que as separa. A velha senhora, personagem do conto, revela, pela linguagem, o universo do gueto, suas estruturas sociais machistas, a condição marginal da mulher negra mas também (e principalmente) a sua força e a sua poesia, porque a fala é extremamente poética.

Sonia Sanchez declarou: "Minha poesia aborda o significado de ser mulher também de forma irônica, retratando mulheres que foram violadas como a terra foi violada. Tento focar as injustiças e os erros de maneira ao mesmo tempo incisiva e amorosa."⁶ É a poesia na voz da personagem que dá grandeza à história banal de amores e traições.

A narradora, por sua vez, é caracterizada como intelectual, escritora, aquela que, por profissão, domina a linguagem. Ela é a mulher negra de classe média, preocupada com o trabalho intelectual e com a criação dos filhos. Sua atitude inicial é ignorar a velha senhora, símbolo de um mundo que quer esquecer: a identidade negra, o apelo étnico, o gueto. Seu sentimento de rejeição aparece de maneira forte no texto em inglês, quando reage à intromissão da mulher com o pensamento: "Hell. No rap from the roots today", que pode ser traduzido aproximadamente por: "Droga, sem cobrança das origens hoje."⁷

Um dos sentidos de *rap* é conversa, mas a palavra pode significar também censura. A narradora não quer se sentir cobrada por viver o presente e ignorar as raízes, a identidade étnica, por estar inserida no mundo dos brancos, falando e escrevendo como eles.

A tradução do conto para o português, feita por mim para o curso mencionado no início deste artigo, merece uma reflexão pelas peculiaridades da linguagem da personagem. Apesar de bastante curto, o conto apresenta dificul-

5 LEIBOWITZ, Herbert. Exploding myths: an interview with Sonia Sanchez. *Parnassus*. Spring/Summer/Fall/Winter, 1985, p.361.

6 My poetry has talked about what it means to be a woman ironically, too, in portraits of women who have been violated, as the earth has been violated. I try to focus attention on injustices, on wrongs, but I try to do it in a way that is both sharp and loving. LEIBOWITZ, p.357. (As traduções para o português dos textos de Sonia Sanchez foram feitas pela autora deste artigo).

7 SANCHEZ, Sonia. Just don't never give up on love, p.353.

dades intransponíveis, já que é impossível reproduzir o dialeto negro norte-americano em outras línguas. Foi necessário, portanto, encontrar equivalências que dessem conta da diferença da linguagem da personagem e da narradora. Traduzir a fala da anciã negra para o português padrão esvaziaria o conto de sua substância mais rica. Assim, optei por criar um simulacro: uma representação do falar mineiro, mais familiar ao meu ouvido do que outras falas regionais. Tal procedimento, naturalmente, cria outra realidade ficcional. A velha "mineira" do conto em português já não é a mesma personagem do original, pois o seu modo de falar traz conotações diferentes e remete a outro universo, outra ideologia. Esse é o paradoxo de toda tradução.

Em termos de sua estrutura, o conto é pouco complexo. Eu o chamaria de conto pós-moderno, por várias razões. Uma delas é a indistinção da fronteira entre poesia e prosa. Trata-se, como já foi mencionado, de prosa poética. Embora a história tenha contornos realistas (uma conversa no parque), não há comprometimento com a verossimilhança, isto é, não se pretende representar o "real". O relato da velha senhora, difuso e fragmentado, não se funda num discurso lógico, mas reproduz, em *flashes* de imagens, as oscilações da memória.

O enredo também é simples. A narradora, intelectual, escritora, vai ao parque com os filhos. Não quer ser perturbada, pois tem uma resenha para escrever. Por isso, aborrece-a a presença de uma velha sentada no banco. Senta-se o mais longe possível dela e volta-lhe as costas. A abordagem nada convencional da anciã causa-lhe espanto, estranheza. Ela funciona um pouco como no teatro do absurdo, onde as convenções de comunicação são subvertidas. A história lembra ligeiramente a peça *Zoo Story* de Edward Albee, que também se passa num banco de parque. Nela um dos personagens lê um livro e irrita-se com a insistência do outro personagem de romper o silêncio e imiscuir-se na sua privacidade. Na peça o diálogo torna-se delirante, esquisofrênico, conduzindo o leitor (ou espectador) por labirintos insuspeitados de tensão e estranhamento. O conto possui atmosfera bem mais amena.

A abordagem da anciã representa uma intromissão indesejada mas seu efeito é sacudir a narradora, penetrar fundo em coisas reprimidas como amor e sexo mas também, e sobretudo, chamar a atenção para a condição de ser mulher e ser negra, dupla marginalização que a história problematiza. A mulher, dividida entre sua condição de objeto do desejo e a angústia de não ser mais desejada, leva uma existência periférica, na qual o centro é o outro, o masculino. A narradora tenta se esquivar dessa condição pela evasão. À pergunta da velha, "Já amô home bunito, moça?" responde com ironia, "Não senhora. Já vi muitos

homens bonitos. Mas não gosto deles porque mantêm o amor no alto do armário e eu sou muito baixa para alcançá-lo."⁸

O relato da velha senhora é uma afirmação da vida e, como tal, torna a história altamente positiva. Ele sugere que apesar de tudo vale a pena viver intensamente. Da mesma forma que a linguagem constrói a identidade do negro, o tecido da narrativa vai construindo a identidade da mulher: da velhinha alquebrada do início da narrativa surge aos poucos o retrato de uma mulher forte que vai tomando forma, ocupando o centro, até atingir. No final apoteótico, quase estatura heróica: "Uma mulher negra. Ecoando ouro. Carregando versos do céu para vincar o chão."⁹

A interposição da personagem, no início da história, entre a narradora e o livro que necessita resenhar causa, na última, enfado e irritação. Aos poucos, entretanto, ela se rende ao fascínio da fala da personagem e descobre que a verdadeira poesia está nas *palavras vivas* da mulher negra e não na *letra morta* do livro. Sua descoberta cria um elo entre as duas mulheres, uma relação de cumplicidade que implica na aceitação, por parte da narradora-poeta, de sua identidade de mulher negra. A narração é também um processo de autodescoberta e de criação de poesia "menor".

Palavras-chave: Literatura Afro-americana, identidade cultural, Sonia Sanchez.

RESUMO

Este artigo aborda a constituição da literatura afro-americana como literatura "menor", no sentido discutido por Deleuze e Guattari, isto é, aquela que subverte a língua padrão e a literatura "oficial" de um país. Tal literatura desempenha importante papel na formação da identidade cultural do negro norte-americano, não só por tratar de temas relativos ao seu mundo, mas, principalmente, por incorporar, na linguagem literária, a fala do gueto e os ritmos da música negra, constituindo assim uma tradição literária própria. Toma-se, para análise, o conto "Just don't never give up on love", de Sonia Sanchez, por tratar-se de um belo exemplo de prosa poética, na qual a linguagem colore

8 Has you ever loved a pretty man, girl? ... No ma'am. But I've seen many a pretty man. I don't like them though cuz they keep their love up high in a linen closet and I'm too short to reach it. SANCHEZ, p.354.

9 A black woman. Echoing gold. Carrying couplets from the sky to crease the ground. SANCHEZ, p.356.

e suaviza temas como a brutalidade e o sofrimento de vidas femininas. O conto é uma afirmação da identidade e uma celebração da força da mulher negra.

ABSTRACT

This article deals with the question of African-American literature as "minor" literature, in the sense discussed by Deleuze and Guattari; that is, one which subverts the official language and mainstream literature of a country. African-American literature plays an important role in the formation of the African-American cultural identity, not only because it deals with themes related to their ethnic group, but mainly because it incorporated Black English and the rhythms of black music into literature, thus creating its own literary tradition. Sonia Sanchez's short-story "Just don't never give up on love" was chosen for discussion in this paper because it is a beautiful example of African-American poetic prose, in which the language colors and softens themes like the brutality and suffering of female lives. The story affirms the identity and celebrates the strength of the African-American woman.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBEE, Edward. *The American Dream and Zoo Story*: two plays by Edward Albee. New York : Signet Books, 1959.
- DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Felix. *Kafka*: por uma literatura menor. (Trad.) Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro : Imago, 1977.
- LEIBOWITZ, Herbert. Exploding myths: an interview with Sonia Sanchez. *Parnassus*: poetry in review. Spring/Summer/Fall/Winter, 1985, p. 357-68.
- SANCHEZ, Sonia. Just don't never give up on love. *Parnassus*: poetry in review. Spring/Summer/Fall/Winter, 1985, p.353-56.